JIHADISMO, GANGUES URBANAS E HIP HOP: ESTUDOS DE CASOS NO CONTEXTO EUROPEU¹

Hannah Romã Bellini Sarno²

Resumo: Este artigo discute a relação entre o jihadismo, a cultura de gangues e o *hip hop* no contexto europeu, por meio do exame de exemplos individuais em que ocorreu a interseção entre essas esferas. A abordagem proposta está associada a concepções do método sociológico da história de vida, em que aspectos e processos mais gerais são explorados na forma em que se articulam no nível individual. A análise propõe um enfoque alternativo ao jihadismo contemporâneo e ao processo de vinculação de indivíduos ocidentais, em sua maioria jovens, ao grupo autointitulado Estado Islâmico, buscando focalizar a dimensão contracultural do fenômeno.

Palavras-chave: Jihadismo; histórias de vida; juventude; *hip hop*; Europa.

Em estudo sobre a relação de subculturas musicais com o Islã, Hisham D. Aidi nota que, para uma parte da juventude no Ocidente, em particular após o 11 de Setembro e a subsequente invasão do Afeganistão e do Iraque em 2003, o Islã passou a ser visto como “o novo terceiro mundismo” (AIDI, 2014, p. 32). A partir da introdução da figura e da estética do militante islâmico na consciência coletiva com o ataque às Torres Gêmeas e a hiper representação do tema na mídia, se consolidou a construção desse militante como o representante máximo do inimigo, um “outro” que é também um antiherói, agregando significado a uma série de elementos a ele associados. Alain Bertho, em seu livro sobre a violência na contemporaneidade, postula a tese de que a atração exercida por grupos como o autointitulado Estado Islâmico, ou EI,³ pode ser entendida como um processo de radicalização da revolta, uma resposta à falta de possibilidade de engajamento a narrativas políticas que sobressaíram no passado, suprimindo a demanda da frustração de uma era, uma

---

¹ Neste artigo, faço uma reflexão sobre questões que constituem desdobramentos da pesquisa desenvolvida

² Doutora em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, UFBA. E-mail: hannahrbellini@gmail.com

³ O Estado Islâmico, como é comumente referido, emergiu na cena internacional em 2014, quando capturou partes significativas do Iraque e da Síria. De imediato, tornou-se notório por sua violência e brutalidade, incluindo o extermínio em massa de oponentes e a divulgação espetacular da execução de prisioneiros. Aproveitando-se do caos e do vácuo de poder deixados, primeiramente, pela invasão do Iraque, em março de 2003, e, depois, pela guerra civil na Síria, o EI foi se expandindo geograficamente nesse território, declarando-se formalmente um califado – um estado governado de acordo com as leis da *Sharia* – em junho de 2014. A morte de seu líder, Abu Bakr al-Baghdadi, em 26 de outubro de 2019, assim como a tomada de quase todo o território formalmente ocupado pelo EI abalou, consideravelmente, o apelo e o alcance de sua narrativa (Uma descrição da trajetória e das principais características do EI, publicada no Brasil, encontra-se em WEISS e HASSAN (2015)).

“alternativa ao fracasso” e à falta de perspectivas reais para jovens nas sociedades onde vivem. De acordo com o autor, se trata da islamização da revolta, desordem e desespero de uma geração que encontrou sentido e realização para suas frustrações no *jihad*⁴ (BERTHO, 2018). Essas abordagens podem ajudar a explicar o vínculo estabelecido mais recentemente entre o jihadismo,⁵ a cultura de gangues e o *hip hop* na Europa, onde é significativo o número de jovens previamente associados a esses últimos universos culturais que se vinculou ao movimento jihadista e ao Estado Islâmico, em particular.

Em uma matéria no site de notícias e opiniões norte-americano *The Daily Beast* encontra-se a afirmação de que “se um diploma em engenharia ou uma carreira em medicina eram um estranho pré-requisito para o envolvimento no 9-11, uma afinidade com o *rap* parece ser um denominador comum para os jihadistas ocidentais de hoje” (LEWIS, 2017). Embora a possibilidade de uma comprovação quantitativa dessa afirmação seja inviável e se trate, em grande medida, de uma hipérbole se considerada ao pé da letra, ela não é ao todo improcedente. Em que pese o Islã e o *hip hop* terem uma longa história de convivência e intercessão, o fenômeno batizado de *Jihadi Rap* é bem mais recente. Segundo Peter Neumann, em entrevista à *Billboard*, esse processo deve ser entendido sob a perspectiva da noção de contracultura. São indivíduos que começam a engajar-se com o *hip hop* “como forma de protesto e rebelião contra uma situação em que se sentem socialmente marginalizados e isso, é claro, é exatamente o mesmo tipo de sentimento que os jihadistas estão explorando. Eles estão tentando recrutar pessoas que se sentem perdidas e marginalizadas” (SMIRKE, 2014).

De diversas formas, o mundo das gangues urbanas e do *hip hop* tem aspectos em comum com a identidade islâmica em muitas comunidades na Europa. O *hip hop* oferece um enquadramento cultural de referência que permite aos seus participantes compartilharem experiências sociais marginalizadas pela sociedade como um todo, como por exemplo a de ser parte de uma minoria étnico-religiosa. Como expressão de reação seja

---

⁴ Os mais de quatro mil documentos sobre os jihadistas estrangeiros, encontrados em meio aos registros burocráticos do Estado Islâmico deixados para trás com a perda do território, evidenciam que, embora tivessem um alto grau de escolaridade, 70% dos jovens declaravam somente um conhecimento básico do Islã (MILTON et al., 2019).

⁵ A palavra “jihadismo” – associada a luta armada, guerrilha e terrorismo – deriva de “*jihad*”, termo que também se difundiu no vocabulário corrente em especial após os atentados de 11 de setembro de 2001. *Jihad* se origina da raiz “*jahada*”, que significa “fazer esforço” ou “lutar” e adquiriu um significado ambíguo no decorrer da história do mundo islâmico. O movimento Salafi-jihadista contemporâneo considera o *jihad* – o combate físico em nome de Allah – como o elemento fulcral do Islã (MAHER, 2017, p. 31-32).

à pobreza, ao racismo, à discriminação ou a disfunções em suas próprias comunidades, o *hip hop* se tornou a mais significativa manifestação musical de protesto da contemporaneidade. Ao mesmo tempo, membros desenvolvem e/ou aderem a uma linguagem própria para interações e a um estilo estético que dão representação autêntica à sua identidade. Nesse aspecto, assim como no tocante a seu caráter contracultural, o jihadismo, a cultura de gangues e o *hip hop* são movimentos que podem ser enquadrados pelo prisma do conceito de subcultura, em que comportamentos e interesses considerados marginais e a hostilidade em relação ao *status quo* são transformados em provocação e motivo de orgulho, e se convertem em respeito e valorização no interior do grupo (ILAN e SANDBERG, 2019; GELDER, 2005; ANDERSEN e SANDBERG, 2018).

A familiaridade com a violência característica da cultura de gangues e da marginalização também é um fator relevante. Um ex-integrante dos Woolwich Boys, uma gangue do sul de Londres envolvida com tráfico de drogas, que teve em torno de 20 dos seus membros vinculados ao EI na Síria, explica o fenômeno da seguinte forma: “nós eramos todos das ruas, éramos extremos nas ruas, aí a religião entrou em cena e nós simplesmente passamos de um extremo ao outro” (CONNECT FUTURES; RWAP, 06:03). Para um número significativo de indivíduos que se associaram ao grupo, o EI se apresentou como um desenvolvimento natural, uma evolução até, do estilo de vida marginalizado e de pequenos delitos que viviam nas ruas. Na Europa como um todo, os índices de registros criminais entre os apoiadores variam entre 50 e 70% (BASRA e NEUMANN, 2017, p.1) e são sem precedentes quando se considera o perfil histórico de outros ocidentais que se vincularam ao *jihad* antes deles, por exemplo, no Afeganistão (SAGEMAN, 2004 e 2008). A ressonância entre campos heterodoxos que, superficialmente, podem parecer muito diferentes – a rua, materialista e hedonista; e o *jihad*, religioso, ascético, marcado pelo combate político-religioso – pode ser explicada pelos pontos de convergência que se apresentam em ambas as esferas. O *jihad* é abertamente percebido pelos adeptos da cultura de rua como um campo de luta mais "maduro" e "honroso", no qual é válido investir e utilizar a experiência adquirida anteriormente. Muitos jihadistas ocidentais experimentaram a violência do Estado inicialmente como consequência do seu envolvimento com o crime "comum". Este e o jihadismo constituem, para eles, arenas de empoderamento, aventura e reconhecimento alternativo. Para indivíduos que transitavam entre a vida nas ruas e a criminalidade, e que

já se percebiam como combatentes no âmbito urbano, a possibilidade de se tornarem guerreiros em uma batalha global e épica apresentou-se como um desenvolvimento sedutor.

Em particular no caso da vinculação ao EI, não há demanda de uma trajetória consistente, espiritualmente ancorada em conhecimento ou vivência religiosa. A transição da cultura de gangues urbanas para o *jihad* é facilitada. Em vez do requisito de uma mudança de comportamento, o que é esperado é uma mudança de motivação, sem que padrões de comportamento necessariamente mudem. Trata-se de uma narrativa poderosa para quem está em busca de reinvenção, em que a transformação de um criminoso, marginal, pária social em muçulmano honrado ocorre prontamente. Alguns dos jovens envolvidos com a cena *hip hop*, que depois vieram a se vincular ao extremismo e ao EI, frequentavam essa cena enquanto viviam em grande medida uma vida secular e utilizaram o processo de radicalização como uma espécie de reinvenção, redentora até, em relação a práticas passadas.

Para uma melhor compreensão do processo, é pertinente explorar exemplos bem documentados da interseção entre essas esferas na Inglaterra, Itália e Alemanha. A formulação da abordagem proposta aqui está, em grande medida, associada a concepções do método sociológico da história de vida. Inicialmente desenvolvida por antropólogos em estudos sobre chefes indígenas norte-americanos e, mais tarde, nas primeiras décadas do século XX, por pesquisadores do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, a abordagem qualitativa da história de vida inclui uma variedade de técnicas metodológicas e tipos de informação – estudos de caso, entrevistas, história oral; uso de documentação como correspondências, diários e documentos de arquivo. Algumas dessas técnicas emergiram nas décadas de 1970, 1980 e 1990, como resultado de tentativas de utilização da abordagem em diversas áreas de investigação, entre elas a história, a educação e estudos de gênero. A perspectiva do método se mostrou particularmente relevante nas pesquisas sobre grupos desviantes e marginalizados, como gangues e delinquentes juvenis, e suas vinculações com contextos mais amplos, com foco no ponto de vista e vivência dos próprios sujeitos (PLUMMER, 2001, p. 104-105). A metodologia propicia também a inscrição da dimensão subjetiva dos indivíduos enfocados, oportunizando a observação de aspectos emocionais e afetivos, reiteradamente negligenciados nas análises sobre o tema.

Trajetórias individuais

O britânico Abdel-Majed Abdel Bary, conhecido pelo nome artístico de Lyricist Jynn ou L Jinny, se tornou internacionalmente infame quando teve sua identidade confundida com a do assassino mascarado, e figura central da propaganda do EI, o também britânico Mohammed Emwazi, apelidado pela mídia ocidental de Jihadi John. Nascido no Egito, em junho de 1991, Bary se mudou para o Reino Unido com a família quando tinha um ano de idade. Seu pai era um renomado advogado de direitos humanos e também um islamista que havia sido fortemente perseguido pelo governo no Egito (BRITAIN, 2013). Quando Bary tinha seis anos, seu pai foi preso pelas autoridades de segurança britânicas sob acusação de participação nos atentados contra as embaixadas norte-americanas no Quênia e na Tanzânia. Embora nunca tivesse sido formalmente condenado, o pai passou dezesseis anos na cadeia, tendo se tornado o prisioneiro da chamada guerra ao terror que mais tempo passou preso sem condenação no Reino Unido, sendo extraditado para julgamento nos EUA em 2012. Bary cresceu com a mãe e mais cinco irmãos, e as visitas ao pai na prisão de alta segurança faziam parte de sua rotina. Na adolescência ele e os irmãos, à revelia da mãe que era muito religiosa, começaram a se envolver com gangues e com a cultura típica das ruas dos bairros menos favorecidos da capital britânica. Episódios envolvendo drogas, violência, gangues e furtos em lojas se tornaram cada vez mais frequentes e esses são os temas que, juntamente com a militância política, permeiam as letras das produções musicais de L Jinny.

De acordo com o que se evidenciou como um padrão entre os seguidores europeus do EI, o compromisso com os rituais diários que expressam vinculação ao Islã ou a busca de uma compreensão teológica mais aprofundada, que poderiam influenciar a escolha de se ligar ao grupo, são pouco visíveis na vida e no trabalho musical de Bary. Em seus vídeos ele aparece repetidamente fumando e consumindo bebidas alcoólicas, na companhia de mulheres, e menções ao uso de drogas e sexo são frequentes. Em *Dog Pound*, ele canta “Licor circulando/ maconha nos meus pulmões” e dá a entender que já foi dependente de metanfetamina – “Desde que eu deixei a *meth*/ eu notei mudanças drásticas,

agora só baseados intactos da natureza”.⁶ Descrições caricaturais de encontros sexuais, características da cultura *hip hop*, estão presentes em quase todas as letras. Também, como se tornou habitual entre os adeptos do EI na Europa, suas demonstrações explícitas de fé se resumem a fotos com o dedo indicador apontado para o céu e a algumas menções superficiais ao Islã. Outro indicativo da relação heterodoxa que Bary mantinha com a religião está no nome artístico escolhido por ele. Conhecido primeiro como Lyricist Jinn (Letrista Jinn) e depois tendo adotado o nome abreviado L Jinny, ambas as designações fazem referência ao conceito de *Jinn*. Malgrado se acredite que a ideia de *Jinn* precede o Alcorão e contemple uma divindade cultuada na Arábia pré-Islâmica, esta foi apropriada pelo Islã com conotações bastante negativas. Tido como uma espécie de entidade ou espírito não humano, o *Jinn*, em especial no contexto de incorporação por um ser humano, é associado a patologias psiquiátricas e comportamentos nocivos, descontrolados e censuráveis (ISLAM e CAMPBELL, 2014). Seu parceiro de composição e amigo, Tabanacle, observa que a escolha se deu justamente por eles se sentirem *outsiders* na sociedade: “nós queríamos um nome que refletisse nossa condição de párias sociais. Gostávamos também da ideia do triângulo invertido, fazendo alusão à inversão de poderes que colocava o povo no topo. Nosso lema era dar o poder de volta para o povo através de músicas e letras verdadeiras” (Entrevista à autora 25/04/2019). Quando questionado sobre o papel da religião na vida de L Jinny, o parceiro foi enfático: “olha, eu sou cristão não praticante, e se duvidar era mais religioso que Jinny. Ele nunca se comportou religiosamente, era como se não fizesse parte da vida dele” (Entrevista à autora 12/03/2019).

A maior parte das referências de Bary diz respeito ao campo político e à crítica social. Mesmo quando ele fala de religião, uma conotação ideológica tem precedência sobre o campo espiritual. A reivindicação de igualdade social, a hostilidade ao sistema financeiro e às corporações, assim como à força policial, pautam o discurso. Em nenhum momento ele se refere à necessidade de escolas religiosas com alimentação específica, ou demanda o reconhecimento de cortes paralelas para a implementação da lei islâmica, por exemplo. O Islã aparece em seu discurso principalmente pelo prisma da identidade associada à religião, que conseqüentemente remete a um senso de marginalidade e

---

⁶ Disponível em: <https://genius.com/L-jinny-dog-pound-lyrics>. Acesso em: 20 fev. 2021.

perseguição. É desta forma que ele se posiciona em solidariedade à causa palestina, um posicionamento menos vinculado à concepção da *Umma*, comunidade de muçulmanos no mundo, em uma interdependência de fé, e mais fundado na ideia de serem companheiros de exclusão e opressão, da mesma forma que outros grupos, como alguns habitantes da América do Sul, também são incluídos. Há uma ênfase na ideia de liberdade, que aparece com frequência em diversas faixas. Na forma como se posiciona e nas palavras que emite, Bary soa mais como um guerrilheiro de esquerda do que como um aspirante a jihadista e, mais uma vez, sugere que sua batalha está associada à busca de soluções políticas seculares, que diferem fundamentalmente daquelas propostas por organizações como o EI.

Antes de se juntar ao EI, Bary tinha um sucesso moderado na cena de *hip hop* britânica. Pode-se dizer que, em termos de visibilidade e reconhecimento do seu trabalho, ele encontrava-se em uma trajetória ascendente, colaborando com artistas conhecidos no meio *hip hop* como os *rappers* Logic e Lowkey e tendo seu trabalho veiculado diversas vezes na rádio BBC1, por exemplo. Ele também fez participações em canais de divulgação da cena alternativa britânica como o LinkTV, Street Diciplez, OneWayTV, GrimeBlog, KetchdisTV, ClikyDiClack e na Swash TV. O videoclipe oficial da faixa *The Beggining* tem cerca de 300.000 visualizações no *Youtube*, com mais de 800 comentários, em sua maioria elogiosos.⁷

A data exata em que Abdel-Majed Abdel Bary partiu para a Síria, onde o EI tinha sua base territorial, não é conhecida. Em fevereiro de 2014, ele já publicava, nas redes sociais, notas sobre suas desventuras na zona de guerra. Quando questionado diretamente sobre quais as motivações de Bary para se associar ao EI, Tabanacle afirma que ele considerava que estava agindo com coerência política e humanitária: “Jinny acreditou que, se fosse para a Síria, poderia ajudar as pessoas, ajudar as pessoas que estavam sendo oprimidas por Assad” (Entrevista à autora 23/03/2019).

Em junho de 2015, Bary fez uma série de publicações em sua conta do *Twitter*, em que fazia piada com seus amigos, declarava sua desilusão com o projeto do EI e dizia sentir falta de música durante o tempo em que viveu com os militantes. Em 21 de abril de 2020, a Polícia Nacional espanhola anunciou a captura de “um dos militantes terroristas estrangeiros do Daesh mais procurados da Europa” (BBC, 2020). Bary está preso na

---

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k_FZkDXupQM. Acesso em: 15 mar. 2021.

Espanha e, embora ele tenha sido descrito pelas autoridades espanholas como de “altíssima periculosidade”, não se pode afirmar ao certo onde e em quais bases se dará seu julgamento.

Outro europeu com trajetória análoga é o italiano de origem marroquina Anas El Abboubi. Nascido no Marrocos em 1992, mudou-se com a família para a Itália quando tinha sete anos, estabelecendo-se na cidade de Brescia, na Lombardia. A família do jovem era de muçulmanos bem integrados e, na adolescência, Abboubi se tornou fortemente atraído pelo *rap*. Com uma carreira promissora no *hip hop* sob o nome de MC Khalifh, em 2012 chegou a aparecer em um documentário na MTV Itália (MTV NEWS, 2012), em que ele não aparenta sentimento de hostilidade à Itália ou ao Ocidente e declara ter redescoberto o Islã um ano e meio antes. No entanto, em poucos meses, Abboubi deixou de ser um adolescente inquieto que consumia maconha e álcool em festas e passou a se identificar como um muçulmano radical, e então como militante jihadista. No final de 2012, começou a divulgar materiais extremistas em seu canal do Youtube, anteriormente dedicado à veiculação da sua produção artística. Sob o codinome de Anas Abu Shakur, começou a disponibilizar, no canal, conteúdos críticos ao sistema capitalista e à percebida falta de moralidade e promiscuidade das sociedades liberais ocidentais. Passou também a atacar a chamada “cruzada contra o Islã” por parte dos EUA e seus aliados. Abboubi ainda “fundou” o primeiro movimento de Sharia4Italy, uma extensão da notória organização criada no Reino Unido, Sharia4UK, que acabou sendo disseminada por vários países da Europa, com adaptações do nome. A iniciativa culminou na criação de um blog intitulado sharia4italy onde o jovem expunha suas ideias sobre a implementação da lei islâmica no país (MARONE, 2016).

Em junho de 2013, as autoridades italianas decidiram prender Abboubi por disponibilizar instruções para a realização de ataques terroristas. O jovem tinha, no seu histórico de navegação virtual, uma série de pesquisas sobre lugares icônicos em Brescia, levando as autoridades a acreditarem que ele planejava um ataque iminente. Contudo, com a ausência de provas, ele acabou sendo liberado menos de um mês depois. Em setembro do mesmo ano, partiu para Síria através da Turquia. Acredita-se que, ao chegar, ele se vinculou ao EI. Em consonância com o padrão exibido por outros jihadistas europeus com o mesmo perfil, logo depois Abboubi criou uma conta de Facebook com seu novo *nom de guerre*, Anas Al-Italy, onde especificava sua atividade profissional como *jihad*. As

imagens publicadas em suas redes ao chegar à Síria também seguem o padrão de outros jihadistas europeus. Nelas se observa a substituição do boné pelo uso de uma barba crescida, e a publicação de fotografias posando com armas, roupas militares e a bandeira do Estado Islâmico (ROGGIO, 2016).

Em março de 2016, uma lista de nomes de indivíduos dispostos ao martírio foi vazada de dentro do EI. O nome de Abboubi estava entre os 122 elencados. Sua chegada em Aleppo, na Síria, data de setembro de 2013. Em 2016, seu pai declarou, em uma entrevista, que o filho tinha morrido na Síria. Apesar dessa informação, o jovem foi designado, pelo serviço de inteligência norte-americano, como um terrorista procurado internacionalmente. Em 23 de janeiro de 2019, Abboubi foi condenado em ausência, pela justiça italiana, a seis anos de reclusão (COUNTER EXTREMISM PROJECT).

O jihadista ocidental que mais notoriamente representou o chamado *gangsta jihadi* ou *jihadi rapper* foi o alemão Denis Mamadou Gerhard Cuspert. Amplamente reconhecido na cena de *rap* alemã como Deso Dogg, ele se tornou figura emblemática de grande relevância no EI e o mais prolífico intérprete de *nasheeds* para o grupo. Nascido de mãe alemã e pai ganês em 1975, o *rapper* foi criado pela mãe. O pai, de origem muçulmana, o abandonou quando ele ainda era um bebê e ele teve uma relação profundamente conturbada com seu padrasto, um ex-oficial do exército norte-americano. Tendo passado cinco anos da infância em um abrigo para crianças “difíceis”, ainda bem jovem Cuspert esteve envolvido em pequenos crimes e gangues de rua. Embora nunca tivesse convivido com seu pai biológico, a identidade muçulmana deste cedo teve um impacto na sua subjetividade. Em depoimentos registrados em artigo do *New York Times*, ele afirma que havia crescido “com racismo” e que, embora a mãe fosse alemã, alguns professores faziam questão de chamá-lo de negro, completando que eles “também tratavam mal todos as crianças muçulmanas” (MEKHENNET, 2011).

Após uma breve estadia na prisão, ele se juntou à Gangue 36, majoritariamente formada por jovens de origem estrangeira dos subúrbios da capital alemã. Foi nesse contexto das ruas de Berlim e dentro da prisão que conheceu o Islã. Antes de sua conversão, a música de Deso Dogg era marcada pelo elogio ao hedonismo, sexo, violência, crimes, assim como hostilidade ao sistema, em especial à força policial. O nome Deso Dogg derivou na expressão Devils Son, ou filho do diabo, e a persona do *rapper* era ancorada na imagem de aguerrido e perigoso sustentada por Cuspert. Nas músicas e discos

produzidos por ele, entre eles o álbum intitulado *Murda Cocktail*, temas como xenofobia e racismo também pautavam muito da sua narrativa. A carreira de Deso Dogg deslanchou e ele chegou a fazer turnê com o *rapper* norte-americano DMX. Ele se converteu ao Islã salafista em 2010, inspirado pelo clérigo alemão, com treinamento saudita, Pierre Vogel, depois de ter flertado com correntes menos ortodoxas do xiismo e sufismo, adotando o nome de Abu Maleeq.

Ele, no entanto, permaneceu produzindo música, embora com enfoque diferente. Previamente envolvido em manifestações contra as invasões do Afeganistão e o Iraque, passou a agregar elementos crescentemente políticos ao seu discurso, em grande medida direcionado a outros jovens como ele, com passado considerado conturbado e/ou impuro, com a proposta de uma mudança de conduta. Mesmo antes de se juntar ao EI, na persona de Abu Maleeq, Cuspert incorporava plenamente as dinâmicas de propaganda adotadas posteriormente pelo grupo e, depois de migrar, de alguma forma, contribuiu para implementá-las a longo prazo. Em seu clipe para a música *Wilkommen in Meiner Welt* (Bem vindo ao meu mundo), no álbum *Schwarzer Engel* (Anjo Negro), lançado em 2006,⁸ o *rapper* já evidenciava uma concepção clara e romantizada sobre o papel do Islã no processo de redenção. A produção faz referência a uma série de questões centrais da militância do jovem – a cultura das ruas, o crime, a religião e a perseguição por parte do Estado e suas instituições de segurança, no caso, a polícia. Nas letras, ele se refere ao sentimento de abandono e ao alento encontrado na fé: “Todos os dias são um teste, eu estou cansado do estresse, eu me sinto sozinho [...] eu sussurro para Alá, por favor não me abandone” (BARSHAD, 2016).

Cuspert entendia o possível apelo que teria, para um grupo de indivíduos, enquadrar o islamismo pelo prisma da cultura das ruas, inclusive em termos estéticos. Ele criou, com três amigos, o All4One, uma marca de roupas e acessórios que materializava essa visão. Sua abordagem reflete os aspectos subculturais da bricolagem e a homologia entre esses universos, quando ele conscientemente se apropria de elementos da cultura da juventude e os ressignifica. De acordo com o *rapper*, a ideia da marca era substituir as “coisas de *kuffar*”⁹, como mulheres e esportistas, nas camisetas com as cores da NBA, por

---

⁸ Disponível em: <https://www.whosampled.com/Deso-Dogg/Wilkommen-in-Meiner-Welt/>. Acesso em: 18/09/2018.

⁹ Infieis.

imagens para os muçulmanos (PISOIU, 2014, p. 18-19). Uma das mensagens nas camisetas, que se tornaram bastante conhecidas com o próprio Cuspert como modelo, dizia ironicamente, “*I am a Muslim not a Terrorist*” (Eu sou um Muçulmano não um terrorista). O estilo adotado por ele, incorporado em maior ou menor escala pela maioria dos jihadistas ocidentais, expressa claramente um diálogo entre elementos da estética das ruas, do *hip hop* e da cultura muçulmana e de guerrilha, roupas militares, tênis de marca, calças de combate largas, lenços palestinos e o chapéu afegão, entre outros.

Em paralelo às produções culturais e artísticas, Cuspert mantinha uma militância bastante ativa em um canal de comunicação e propaganda digital, *Millatu Ibrahim*, com mensagens violentas que o levavam a estar em constante embate com as autoridades alemãs. Em 2011, ele teve problemas mais sérios com a justiça quando um jovem imigrante do Kosovo assassinou dois norte-americanos no aeroporto de Frankfurt e declarou ter sido influenciado por um vídeo disponibilizado por Cuspert, em que uma mulher iraquiana era violentada por oficiais da coalizão. Pouco depois, uma operação policial encontrou, em sua residência, munição e um colete à prova de balas. Em 2012, ciente de que seria processado e preso, ele fugiu em direção ao norte da África, passando pelo Egito e pela Líbia. De lá seguiu para a Síria, onde se estabeleceu em 2013, inicialmente vinculado à al-Qaeda e depois ao EI.

Antes do estabelecimento oficial do califado Cuspert, rebatizado de Abu Talha Al-Almani, já aparecia em vídeos de propaganda extremista do grupo Jund al-Sham, em que incentivava outros jovens alemães a se juntarem ao *jihad*. Uma vez no Oriente Médio, o *rapper* dedicou-se a, entre um sermão e outro, rejeitar sua vida como músico na Europa, travando inclusive uma batalha com o Youtube para que retirasse seus vídeos anteriores da plataforma. Em consonância com o padrão de busca por redenção comumente observado em jovens cujos passados podem ser considerados demasiadamente mundanos, ele fala sobre a sua vida pregressa de forma depreciativa, a descrevendo como “pequenez”, “desordem”, “um pântano”, “um tempo de tristeza”. Seu testemunho sobre a vida na Síria e no califado faz um contraponto em relação às experiências na Europa e, sem dúvida, ecoa como uma narrativa de propaganda poderosa: “aqui tudo é diferente”, “você encontra corações amorosos em oposição aos corações frios dos alemães” (FERNANDEZ, 2015).

O fato de o jovem já ter um grau de notoriedade significativo antes de migrar, sua capacidade de engajamento com a câmera e sua história de vida fizeram de Abu Talha Al-

Almani uma figura frequente nos vídeos de propaganda do EI. Ele aparece em mais da metade dos vídeos produzidos pelo al-Hayat Media Center, o centro de mídia responsável pelas produções em idiomas europeus, tendo se tornado o jihadista negro mais conhecido do grupo. Suas credenciais como, de acordo com ele mesmo, um “cara do mal”, com reconhecido capital social da subcultura das ruas, proporcionava o verniz ideal para a narrativa de superação e transformação evocada pelo grupo. O discurso de Cuspert permanecia violento e agressivo, pautado por uma rejeição latente ao *status quo* e com enorme potencial contracultural e, por isso, atrativo ao extremo, especialmente para um grupo de jovens potencialmente expostos ao material. Em um material de comunicação emblemático, disponibilizado em seu canal pessoal em 2013, o *ex-rapper* se ajoelha diante de uma fonte natural, enchendo as mãos de água e lavando o rosto, num gesto que remete a um batismo ou ritual de purificação. Ele então olha para câmera e fala: “Irmãos, eu os chamo para o *jihad*! Aqui é onde vocês encontrarão a liberdade!”. O som de tiros sendo disparados pode ser ouvido no *background*; Cuspert então olha para a câmera e sorri: “Vocês realmente podem viver aqui. É divertido aqui. O *jihad* é realmente pura diversão!” (SPIEGEL ONLINE, 2014). Em janeiro de 2018, Cuspert foi morto em um bombardeio norte-americano em Deir ez-Zor, na Síria. Essa era a quarta tentativa de assassiná-lo e sua capacidade de sobreviver aos outros três era tema recorrente em fóruns jihadistas (BURKE, 2018).

Sem nunca ter se dedicado totalmente ao conhecimento teológico, foram justamente as características valorizadas nas ruas de Berlim que o tornaram notável no EI. A personalidade combativa, a estética, a capacidade de falar com propriedade e confiança a linguagem das ruas foram elementos fundamentais para sua ascensão no grupo. Nas palavras do imã Abdul Kamouss, uma voz importante do Islã na Alemanha, “ele se sentia valorizado, se achava importante. Com seu carisma e trajetória criativa, ele seduziu uma geração desinformada que não percebia que não era treinado, que se propunha a ensinar sobre coisas demasiadamente complexas para ele” (BARSHAD, 2016). O Islã político e violento e a união ao EI davam vazão à sua indignação e à sua pulsão por violência, assim como lhe davam senso de pertencimento, comunidade e uma espécie de família que ele diz ter sempre buscado. Além disso, foi no *jihad*, e não na música, que ele realizou suas ambições mais mundanas. No vídeo de *Bay’ah*, declaração de lealdade, ao EI, amplamente disseminado em canais do Telegram utilizados por apoiadores do grupo, Al-Almani

descreve o Cuspert do passado como uma “uma pobre alma, encarcerada entre holofotes e *groupies*” e completa: “meu objetivo era me tornar famoso com a música, e quando eu estivesse em um grande evento, como nos Grammys, eu subiria no palco e diria ‘Alá é o único deus! Eu encerro agora minha carreira musical [...] eu não preciso mais desse palco. Meu sonho agora está realizado” (BARSHAD, 2016).

A figura e a trajetória de Cuspert, em muitos sentidos, expressam perfeitamente os elementos que unem as subculturas das gangues, do *hip hop* e do jihadismo violento. A interseção dessas esferas coloca também em tensionamento uma ilusão de fronteiras bem definidas entre o que pode ser considerado como ocidental e oriental, religioso e político e nos convoca para um olhar menos informado por rigidez, na ânsia por demarcações e classificações definitivas sobre o processo de envolvimento de indivíduos ocidentais com o jihadismo.

Referências

AIDI, Hisham D. **Rebel Music: Race, Empire, and the New Muslim Youth Culture**. Nova York: Pantheon Books, 2014.

ANDERSEN, Jan Christoffer e SANDBERG, Sveinung. Islamic State Propaganda: Between Social Movement Framing and Subcultural Provocation. **Terrorism and Political Violence**, v. 30, 1 ago. 2018. Disponível em: <https://www.jus.uio.no/ikrs/english/research/publications/2018/andersen-sandberg-Islamic-State-Propaganda.html>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BARSHAD, Amos. The Pop Star Of Jihad: The strange tale of Deso Dogg, the German rapper who fled to Syria to sing songs for ISIS. **The Fader**, n. 105, ago. / set. 2016. Disponível em: <http://www.thefader.com/2016/08/02/isis-denis-cuspert-deso-dogg-rapper>. Acesso em: 15 jul. 2018.

BASRA, Rajan; NEUMANN, Peter R. Crime as Jihad: Developments in the Crime-Terror Nexus in Europe. **CTC Sentinel**, v. 10, n. 9, out. 2017. Disponível em: <https://ctc.usma.edu/crime-as-jihad-developments-in-the-crime-terror-nexus-in-europe/>. Acesso em: 11 nov. 2017.

BBC NEWS. Islamic State: Rapper Lyricist Jinn arrested by police in Spain. 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-england-london-52374784>. Acesso em: 21 abr. 2020.

BERTHO, Alain. **The age of violence: the crisis of political action and the end of utopia**. Londres; Nova York: Verso, 2018.

- BRITAIN, Victoria. **Shadow lives**: The forgotten women of the War on Terror. Londres: Pluto Press, 2013.
- BURKE, Jason. Rise and fall of Isis: its dream of a caliphate is over, so what now? **The Guardian**, Londres, 21 out. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/oct/21/isis-caliphate-islamic-state-raqqa-iraq-islamist>. Acesso em: 21 out. 2017.
- CONNECT FUTURES; RWAP – REBELS WITHOUT A PAUSE. Woolwich Boys: From Gangs to Extremism, vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hS7MrS1c7vM>. Acesso em: 15 jun. 2018.
- COUNTER EXTREMISM PROJECT. s/d. Anas El Abboubi. Disponível em: <https://www.counterextremism.com/extremists/anas-el-abboubi>. Acesso em: 08 set. 2018.
- FERNANDEZ, Alberto M. Abu Talha Al-Almani – ISIS's Celebrity Cheerleader. **MEMRI (The Middle East Media Research Institute) Reports**, n. 52, 13 ago. 2015. Disponível em: <https://www.memri.org/reports/abu-talha-al-almani---isiss-celebrity-cheerleader>. Acesso em: 06 mai. 2018.
- GELDER, Ken. **The Subculture Reader**. Londres: Taylor & Francis, 2005.
- ILAN, Jonathan; SANDBERG, Sveinung. How “gangsters” become jihadists: Bourdieu, criminology and the crime–terrorism nexus. **European Journal of Criminology**, Special issue: Understanding European jihadists: criminals, extremists or both, p. 1-17, 15 fev. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1477370819828936>. Acesso em: 17 fev. 2019.
- ISLAM, Farah; CAMPBELL, R. A. “Satan Has Afflicted Me!”: Jinn-Possession and mental illness in the Qur’an. **Journal of Religion and Health**, v. 53, n. 1, p. 229-243, fev. 2014. doi: 10.1007/s10943-012-9626-5. Acesso em: 16 set. 2018.
- LEWIS, Matt. Straight Outta Waziristan? The Strange Rap-Jihadi Connection. **Daily Beast**, 14 abr. 2017. Disponível em: <https://www.thedailybeast.com/the-strange-rap-jihadi-connection>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- MAHER, Shiraz. **Salafi-Jihadism**: the History of an Idea. Londres: Penguin, 2017.
- MARONE, Francesco. Italy’s Jihadists in the Syrian Civil War. International Centre for Counter Terrorism – The Hague Research Paper, ago. 2016. Disponível em: <https://icct.nl/wp-content/uploads/2016/08/ICCT-Marone-Italys-Jihadists-in-the-Syrian-Civil-War-August2016-1.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2018.
- MEKHENNET, Souad. German Officials Alarmed by Ex-Rapper’s New Message: Jihad. **The New York Times**, 31 ago. 2011. Disponível em: https://www.nytimes.com/2011/09/01/world/europe/01jihadi.html?pagewanted=all&_r=1&. Acesso em: 09 ago. 2018.
- MILTON, Daniel; LODOEN, Julia; O’FARRELL, Ryan; LOERTSCHER, Seth. Newly Released ISIS Files: Learning from the Islamic State’s Long-Version Personnel Form. **CTC Sentinel**, v. 12, n. 9, out. 2019. Disponível em: <https://ctc.usma.edu/newly-released-isis-files-learning-islamic-states-long-version-personnel-form/>. Acesso em: 30 out. 2019.

MTV News. Nel ritmo di Allah. Video, 9 mar. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EObUCoujN0o>. Acesso em: 18 fev. 2018.

PISOIU, Daniela. Subcultural Theory Applied to Jihadi and Right-Wing Radicalization in Germany. **Terrorism and Political Violence**, v. 27, n. 1, 9 dez. 2014, p. 9–28. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09546553.2014.959406>. Acesso em: 15 set. 2018.

PLUMMER, Ken. **Documents of life 2**: an invitation to a critical humanism. Londres: Sage, 2001.

ROGGIO, Bill. US lists Italian rapper turned Islamic State jihadist as global terrorist. **FDD's Long War Journal**, set. 2016. Disponível em: <https://www.longwarjournal.org/archives/2016/09/us-lists-italian-rapper-turned-islamic-state-jihadist-as-global-terrorist.php>. Acesso em: 10 ago. 2018.

SAGEMAN, Marc. **Leaderless Jihad**: Terror Networks in the Twenty-First Century. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008.

SAGEMAN, Marc. **Understanding Terror Networks**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

SMIRKE, Richard. Jihadi Rap: Understanding the Subculture. **Billboard**, 10 out. 2014. Disponível em: <https://www.billboard.com/articles/news/6273809/jihadi-rap-l-jinny-abdel-majed-abdel-bary>. Acesso em: 04 fev. 2017.

SPIEGEL ONLINE. The Jihad Cult: Why Young Germans Are Answering Call to Holy War. 28 nov 2014. Disponível em: <https://www.spiegel.de/international/world/why-young-germany-are-answering-call-to-war-in-syria-a-1003468.html>. Acesso em: 13 mar 2018.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico**: desvendando o Exército do Terror. São Paulo, Seoman, 2015.

Entrevistas

TABANACLE, Daniel

25 abr. 2019

12 mar. 2019

23 mar. 2019